

## O trunfo da virada

VEIGA, José Eli da. "O trunfo da virada". *Valor Econômico*. São Paulo, 25 de agosto de 2016.

Entre hoje e domingo a cidade de São Paulo terá a sexta edição da "Virada Sustentável". Cerca de trezentas mil pessoas participarão de 881 atrações abertas e gratuitas. E dez vezes mais poderão ser sensibilizadas pelos 78 eventos dirigidos a transeuntes, como a exposição sobre os dezessete ODS Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na estação Faria Lima do Metrô.

Quando essa iniciativa paulistana começa a ser adotada em outras capitais (Porto Alegre já fez uma, Manaus duas, Rio e Salvador começarão em 2017), é preciso perguntar se existem outras experiências também tocadas por jovens criativos e empreendedores que rapidamente tenham alcançado tanto sucesso, o que lhe garante cada vez mais parcerias e patrocínios. Merece reflexão a originalidade e a amplitude desse acontecimento.

Uma das principais virtudes de tão exitosa empreitada certamente foi a manutenção de ampla abertura no emprego do adjetivo "sustentável" e do derivado substantivo "sustentabilidade". Felizmente foram rejeitadas tentações que só poderiam ter reduzido seu potencial de expansão. Desde as que decorriam de sectarismos ambientalistas (ou "ecochatices"), até sedutoras tentativas de manipulação oportunista por executivos de grandes empresas.

O edital deste ano, que ficou aberto por quase dois meses para a submissão de propostas com necessidade de financiamento, buscou projetos "inspiradores", "alegres" e "propositivos", a serem selecionados "com base nos 17 ODS". E também foram esses os critérios que orientaram a aprovação de propostas de simples adesão, pois auto-financiadas. Desta vez, dois terços dos eventos são desse tipo: poderiam ser realizados de forma autônoma, mas seus proponentes preferiram integrá-los nesse sui generis festival dedicado à sustentabilidade.

A resultante programação deixará muito surpreso talvez bem contrariado quem supõe que a noção de sustentabilidade deva ficar restrita à dimensão ambiental do mal-estar contemporâneo. Isto é, quem ainda não se tocou que o sentido dessa noção é socioambiental, com certeza não entenderá por que haverá hoje à tarde uma "Roda de Gestantes" em praça do Alto da Lapa e à noite uma palestra sobre "Sexualidade e Física Quântica" na Unibes-Cultural.

O que pode explicar esse fenômeno certamente não é óbvio, mas é facilmente inteligível com a ajuda de alguma informação histórica. O novo valor que é a sustentabilidade vem mostrando altíssima capacidade de atrair e reforçar grande parte de seus precursores, como, por exemplo: justiça, paz, liberdade, igualdade, solidariedade, talvez até felicidade.

É que nas últimas décadas só aumentou a percepção coletiva de que algo de muito importante estava faltando no conjunto de valores que foram sendo institucionalizados no movimento que teve início na Inglaterra em 1689, tomou

decisivo impulso um século depois na França e nos Estados Unidos, e culminou na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948.

Esteve ausente desses quatro momentos fundamentais qualquer preocupação com o leque de oportunidades das futuras gerações. Algo que não poderia continuar esquecido depois que a ciência passou a mostrar que o futuro da humanidade dependerá demais do estado em que estiver a biosfera. Mais: a registrar níveis alarmantes de agressões aos ecossistemas nos últimos setenta anos, período batizado pelos pesquisadores de "A Grande Aceleração". Foi por isso que se tornou imprescindível rever a própria "Escala do Tempo Geológico da Terra", já que ela ainda não inclui a "Época" em que as atividades humanas se tornaram o principal determinante da história natural: o "Antropoceno".

São esses os antecedentes históricos da emergência de uma nova utopia, que nos primeiros quatorze anos do Pnuma foi chamada de "Eco-desenvolvimento", neologismo que a partir de 1987, com o lançamento do relatório "Nosso Futuro Comum", foi definitivamente trocado por "Desenvolvimento Sustentável". E uma utopia que acaba de gerar ambicioso programa com a agenda global "Transformando Nosso Mundo", subscrita por 193 nações.

Diante dessas evidências, só podem ser vistas como ingênuas, pueris, e mesmo delirantes, propostas de troca do termo sustentabilidade por qualquer outro, por mais que isso pudesse se justificar em termos lógico-formais. Foi assim há alguns anos com a ilusão de substituí-lo pelo conceito ecológico e psicológico de "resiliência", e assim será com a recentíssima sugestão de que seja trocado pela noção de "adaptabilidade", perpetrada há duas semanas nas páginas do New York Times por um pós-graduando em filosofia.

Também são essas mesmas evidências que permitem entender por que tão imensa diversidade de tribos vê na "Virada Sustentável" um momento catalisador da vontade comum de alavancar todos os processos civilizadores. É esse o principal trunfo da iniciativa cujo principal artífice é o jovem e brilhante jornalista André Palhano: fazer entender que as futuras gerações merecem tanta atenção quanto as atuais.

**José Eli da Veiga, professor sênior do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo (IEE/USP), é autor de "Para entender o desenvolvimento sustentável" (Editora 34, 2015)**